

Atitudes que salvam vida das mulheres de Dondo

Notícias, Mulher, 15.10.2021, Pág. 02, Ed. nº 31. 430

EVELINA MUCHANGA

A OCORRÊNCIA de mortes maternas tem vindo a reduzir no distrito de Dondo, província de Sofala, com a adesão ao planeamento familiar (PF), consultas pré-natal, aborto seguro e partos institucionais.

Dados partilhados pelo director dos Serviços Distritais de Saúde, Mulher e Acção Social de Dondo, Azarias Manhenje, mostram o aumento da adesão de planeamento familiar de 9.304, no primeiro semestre de 2020, para 9.610, em igual período de 2021. Do mesmo modo, no período em referência, os partos na maternidade incrementaram de 3.860 para 4.065.

Em relação aos abortos, Azarias Manhenje referiu que, nos últimos anos, tem se verificado a redução de casos de mulheres ou raparigas que se dirigem à unidade sanitária com complicações derivadas de interrupção da gravidez em condições não adequadas.



Há cada vez mais mulheres a fazer o parto na maternidade

Avançou que de Janeiro a Setembro deste ano, pelo menos 25 mulheres recorreram ao aborto seguro no distrito e cinco fizeram-se às unidades sanitárias após aborto iniciado fora do hospital ou que estavam a ter

ameaça de aborto.

“A situação melhora cada vez mais, dada a informação partilhada com as comunidades. São poucas as mulheres que continuam a fazer o aborto inseguro. Estas talvez tenham algo a es-

conder e acham que se vão expor indo à unidade sanitária”, disse, enaltecendo o trabalho conjunto do governo, parceiros nacionais e internacionais na divulgação da lei sobre o aborto seguro e sensibilização para adesão

a estes serviços.

Apesar de haver ganhos ao nível do aborto seguro e adesão aos partos institucionais, Manhenje reconhece que ainda há desafios para a provisão de serviços sanitários à população do distrito, sobretudo nos bairros de reassentamento.

Anotou que dos quatro bairros de reassentamento, apenas o de Madrunzi 1 tem uma unidade sanitária.

“Mesmo assim as mulheres grávidas de Mutua, por exemplo, precisam de ir à casa de mãe espera (quando o dia do parto se aproxima). Tem zonas onde as pessoas percorrem grandes distâncias, sete quilómetros em média, para ter cuidados de saúde. Se formos a ver caso a caso, percebemos que algumas percorrem 10 a 15 quilómetros para chegar ao hospital próximo”, disse Azarias Manhenje.

O município de Dondo possui 10 unidades sanitárias para igual número de bairros, mas em distribuição desigual. Uns têm duas e outros nenhuma.

Morrem à espera de autorização para ir ao hospital



PARA além da distância para se ter serviços de maternidade, hábitos e costumes aliados à falta de autonomia das mulheres em decidir sobre a sua saúde, constituem outros factores que contribuem para a ocorrência de mortes maternas em Dondo e no país em geral, segundo explica Leonor Joaquim, responsável distrital de Saúde Materno e Infantil deste ponto do país.

Contou-nos o episódio de uma jovem mulher que perdeu a vida a caminho do hospital depois de esperar horas

do marido e/ou da sogra para ser autorizada a ir ter o parto na maternidade.

O marido e a sogra só chegaram quase dez horas depois do início das contracções uterinas. Tentaram levá-la à unidade sanitária mais próxima, que fica a cerca de sete quilómetros, mas já era tarde. Ela acabou tendo o parto em casa, teve gêmeos.

Porque continuava com fortes dores e hemorragias, a família levou-a em uma maca improvisada para o centro de saúde. Infelizmente, a jovem

mãe, 27 anos, não resistiu e perdeu a vida, deixando cinco filhos.

“Dias depois, o marido da falecida procurou-nos (autoridades de saúde) para pedir ajuda. Disse que não tinha condições para cuidar dos bebés. Como solução levamos o caso à Acção Social. Os gêmeos estão sob cuidados do infantário”, disse Leonor Joaquim, acrescentando: “É uma situação que aconteceu há um ano, mas marcou-me bastante”.

Em Moçambique, não se



Azarias Manhenje, director distrital

conhece a magnitude exacta da mortalidade materna. Em estimativa, situa-se nos 452 por 100.000 nascimentos vivos.

O relatório sobre o Estado da Mulher Africana (2018) da Federação Internacional para o Planeamento Familiar (IPPF) mostra que a ní-

vel global assim como em África, os rácios de mortalidade materna diminuíram ao longo dos anos e variam em todos os países e regiões. Calcula-se que há 70 mortes maternas por 100 mil nados vivos para o norte de África e 546/100.000 para a África Subsahariana.

Serviços mais próximos das comunidades

A morte durante a gravidez, parto e/ou pós-parto é maior entre as mulheres que vivem em zonas rurais e em comunidades mais pobres ou que enfrentam conflitos e insegurança.

O estudo da IPPF realça que as mortes maternas são evitáveis, através da adesão aos cuidados pré-natal, parto e pós-parto na unidade sanitária e com atendimento por profissionais de saúde preparados para estes serviços.

É reconhecendo os desafios que o país ainda enfrenta para garantir que todas as mulheres tenham acesso a cuidados de saúde sexual e reprodutiva que a Associação Moçambicana para o Desenvolvimento da Família (AMODEFA) tem ajudado o governo na sensibilização e provisão de cuidados de saúde à população.

A oficial de resposta humanitária da AMODEFA em Sofala, Nora Tomo, explica que, com ajuda de parceiros,



As mulheres já aderem ao planeamento familiar

a organização colocou 14 enfermeiras de saúde materno infantil em Búzi, cidade da Beira, Dondo e Nhamatanda, com destaque para zonas de acomodação, no contexto do ciclone Idai.

Estas profissionais oferecem serviços pré-natal, planeamento familiar, disponibilizando métodos contraceptivos modernos como o implante, dispositivo intra-uterino, a depo provera, o preservativo. Fazem ainda a tria-

gem de infeções sexualmente transmissíveis (ITS), incluindo o HIV.

Sensibilizam ainda as comunidades para adesão ao planeamento familiar, ao parto institucional e ao aborto seguro, assim como a denunciarem casos de violência baseada no género, incluindo a sexual.

“O trabalho que realizamos está a ter resultados. Os níveis de adesão ao planeamento familiar aumentaram e já recebemos denúncias de casos de violação sexual de meninas e encaminhamos para o devido tratamento na justiça”, anotou.

É crucial a partilha de informação correcta

MOÇAMBIQUE está a ter resultados positivos na área de saúde sexual e reprodutiva, segundo o psicólogo Marcelo Kantu e assistente de direcção para monitoria e avaliação do centro de aprendizagem da AMODEFA.

Kantu entende que se antes não era fácil falar sobre a sexualidade, aborto e papéis de género, actualmente já se discute sobre estes conteúdos, embora reconheça a persistência de algumas crenças e mitos, sobretudo, em relação ao papel do homem e da mulher na sociedade.

“Quando fazemos a abordagem sobre o género temos que distinguir o biológico dos atributos sociais. Em relação ao biológico, está claro que homem e mulher são diferentes, mas em relação aos atributos sociais, isto é, aquilo que a sociedade quer que os seus membros sejam em função de serem homens ou mulheres é aí aonde ainda persistem muitas discussões”, referiu.

Esclarece que “a forma como nós fomos educados sobre como é que um homem ou uma mulher deve se comportar é o que nos faz diferente”, sublinhou reconhecendo tratar-se de um processo que levará seu tempo para que se adopte novas formas de ser e estar nas comunidades. É tendo em conta a esta realidade que a AMODEFA organizou na semana passada uma formação sobre saúde sexual e reprodutiva para profissionais de comunicação social da província de Sofala.

Segundo Kantu, a capacitação é motivada, por um lado, pelo reconhecimento que se tem de falta de informação nas comunidades em relação à saúde sexual e reprodutiva, e, por outro, o facto de com o ciclone Idai muitas famílias de Sofala terem abandonado as suas zonas de origem e encontrado abrigo em centros de acomodação, onde há todo o tipo de comportamento.

“Como forma de fazer com que as pessoas exijam e exerçam os seus direitos, capacitamos jornalistas por forma a que usando dos meios de comunicação social e através das línguas locais possam fazer chegar a informação às populações mais necessitadas”, disse.

Participaram 15 profissionais de comunicação social da cidade da Beira, distritos de Dondo, Nhamatanda e Chibabava.

Se tiveres uma doença crónica como HIV, Hipertensão ou Diabetes, continue a ir às consultas e tomar a medicação de forma regular